

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As comemorações inventadas: celebrações da ‘revolução de 1964’ e do Sesquicentenário da Independência da República realizadas pelo Ginásio Municipal de Serrolândia/Ba (1971-1973)¹

Marconey de Jesus Oliveira²

Esse trabalho tem por objetivo analisar como se deram as comemorações do aniversário da ‘revolução’ de 31 de março de 1964 entre os anos de 1971-73 e do Sesquicentenário da Independência da República em 1972, realizada pelo Ginásio Municipal de Serrolândia. Essas celebrações foram propostas pelos governos militares como forma de legitimar o regime, por esse motivo buscamos trabalhar com o termo “tradições inventadas”. A autora Helenice Rodrigues da Silva ressalta que, em busca do consenso nacional, o poder político investe nas lembranças das grandes datas, buscando no passado uma legitimidade para consolidar a memória coletiva.³ Assim sendo, o projeto cívico-escolar comandado pela ditadura civil-militar visou uma “nova educação” para a juventude. Embasada em valores como disciplina, hierarquia, obediência, exaltação a pátria e nacionalismo.⁴ Era imprescindível a realização das comemorações cívicas nos ginásios, escolas, colégios e em todas as repartições populares na qual os valores conservadores pudessem penetrar.

Em 31 de março de 1964, foi deflagrado um golpe civil-militar que abriu caminho para a ditadura que comandou o estado brasileiro por mais de duas décadas. Esse processo foi fruto das perturbações sociais e econômicas vivenciadas desde o início da década de 1960. Diante dessa nova conjuntura política, o sistema educacional brasileiro foi compreendido como um espaço bastante propício para as ações legitimadoras do novo regime. Ficaria sob a responsabilidade das instituições escolares a formação dos futuros cidadãos comprometidos com o destino do país. A ordenação, disciplinarização, a normatização dos alunos e do espaço escolar estavam na pauta da vez. Devemos lembrar que a ditadura civil-militar não foi a única

¹ Esse trabalho é parte das discussões apresentadas no projeto de pesquisa intitulado: “*Desfile pra gente era uma honra!* Comemorações cívicas no Ginásio Municipal de Serrolândia-Ba durante a ditadura civil-militar (1964-1985)”. Em consecução no Programa de Pós-graduação em História (PPGH) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Sob a orientação da professora Dr^a Marilércia Oliveira Santos.

² Mestrando em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Departamento de Educação (DEDC) Campus II/ Alagoinhas, marconeydeoliveira@gmail.com O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001.

³ SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, vol. 22, n. 44, São Paulo, 2002.

⁴ CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

– e nem a pioneira – que utilizou do sistema educacional para difundir suas ideologias, percebemos que em qualquer regime de governo, essa prática se mostra bastante comum.

Nesse contexto conturbado da política brasileira na primeira metade de 1960, nascia uma pequena instituição de ensino na cidade de Serrolândia, no interior da Bahia a 320 quilômetros da capital do estado, Salvador. Batizada inicialmente de Ginásio Municipal de Serrolândia, esse estabelecimento foi fundamental, ficando “responsável” pelo desenvolvimento das práticas cívicas da sociedade serrolandense. Apesar de estar longe dos grandes centros urbanos do país, o Ginásio Municipal fazia questão de seguir o afago patriótico solicitado, organizando comemorações em 1971, 1972 e 1973 do aniversário da ‘revolução de 64’ e no mesmo ano de 1972 festejou, com um grande evento, o Sesquicentenário da Independência do Brasil. Além de corriqueiramente promover desfiles durante as comemorações do sete de setembro (Independência do Brasil); vinte e três de setembro (Entrada da Primavera) e quinze de novembro (Proclamação da República).

Criado em 1964, a história desse ginásio confunde-se com a própria trajetória da cidade de Serrolândia, que teve sua emancipação política em 1962. Dessa forma, a instituição nasceu para atender as necessidades locais e diminuir a dependência que o novo município tinha com a comarca de Jacobina. Esse primeiro estabelecimento ginasial, aparentemente, seguia as normas patrióticas propostas pela ditadura civil-militar, desempenhando um papel significativo na formação do cidadão nacionalista, disciplinado e plácido para com a sociedade. O caráter nacionalista e de patriotismo se manifestava nas datas comemorativas, as celebrações cívicas ganharam destaque na cidade e o ginásio preocupava-se com a montagem dos desfiles. Era comum que a fanfarra ensaiasse com meses de antecedência para executar suas apresentações nos festejos.

Apesar de ser o único espaço de formação ginasial da cidade o Ginásio Municipal de Serrolândia não tinha grandes proporções. Na verdade, o educandário resumia-se a poucas salas de aula em um único pavilhão. Na fotografia abaixo, podemos ver como era a estrutura dessa instituição ginasial nos primeiros anos da década de 1970:

Fotografia do espaço físico do Ginásio Municipal de Serrolândia nos primeiros anos da década de 1970.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Jonas Ferreira Gonçalves

Segundo Ana Maria Mauad, “a fotografia é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica. O testemunho é válido, não importa se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida.”⁵ Não sabemos quem produziu e o motivo pelo qual o espaço do Ginásio Municipal foi fotografado, porém, a imagem nos possibilita observar que as dependências dessa instituição de ensino eram cercadas de árvores. Como estamos tratando de uma região bastante seca e quente, esses arbustos eram de extrema importância para o sombreamento do ginásio. Ainda analisando a imagem, podemos visualizar um local para o hasteamento das bandeiras e a presença de várias pessoas, que tudo indica, trata-se de alunos da instituição.

A partir da década de 1970, as comemorações cívicas foram bastante presentes no cotidiano do primeiro Ginásio Municipal de Serrolândia. Durante esse período a ditadura civil-militar investiu em um discurso otimista, do país que crescia motivado pelo “milagre econômico” e as celebrações cívicas ganharam maior destaque nas instituições educacionais brasileira. Para Janaina Martins Cordeiro, a “(re)educação da juventude foi percebida, na década de 1970, com o antídoto necessário para curar as ideologias estranhas, que poderiam

⁵ MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces*. Revista Tempo, vol. 1, n. 2, Rio de Janeiro, 1996, p. 73-98. p. 8

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

seduzir facilmente os jovens.”⁶ Nesse ginásio municipal, da pequena cidade de Serrolândia não foi diferente e por meio das atas encontradas, no acervo da escola, podemos analisar o crescimento dessas atividades cívicas.

As fontes utilizadas para a consecução desse trabalho foram: atas das celebrações cívicas organizadas pelo Ginásio Municipal de Serrolândia, entre os anos de 1971 a 1973.⁷ Analisamos três atas sobre a comemoração do aniversário da ‘revolução’ de 31 de março de 1964, e uma ata da celebração do Sesquicentenário da Independência da República, ocorrido em 1972. Essas fontes nos possibilitam entender o transcorrer e como foram organizados esses festejos. Essa documentação nos proporcionam o “discurso oficial” da instituição.

Já as fontes orais, obtidas através de entrevistas, nos permitem refletir como as práticas cívicas estavam no íterim da sociedade serrolandense. Por meio dos depoimentos foi possível perceber como essas memórias povoam as lembranças dos sujeitos presentes no Ginásio Municipal no período estudado. Nesse trabalho, contamos com os testemunhos de: José Reis Barreto da Silva, ex-aluno; Jonas Ferreira Gonçalves, ex-aluno, professor e diretor; e Paulo Rodrigues de Oliveira, ex-diretor do Ginásio. Para analisar melhor essas memórias, tomamos como referência o artigo *Memória, Esquecimento, Silêncio*, do autor Michel Pollak. Para esse autor, “em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança ‘comprometedora’ preferem, elas também guardar silêncio.”⁸

As Tradições Inventadas: comemorações do aniversário da ‘revolução de 64’

Para Eric Hobsbawm e Terence Ranger, o termo “*tradições inventadas*” abrange um conjunto de práticas reguladas por determinadas regras. “Essas práticas visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através das repetições, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.”⁹ Hobsbawm e Ranger, utilizam-se desse termo como uma metáfora, pois toda tradição é uma invenção calcificada ao logo dos anos. Nesse trabalho,

⁶ CORDEIRO. Op. cit., 2015. p. 21.

⁷ Essa documentação encontra-se no Colégio Estadual de Serrolândia (CES) e foi cedida pela direção para esta pesquisa.

⁸ POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15. p. 6.

⁹ HOBBSAWM, Eric J. e RANGER, Terence. “*A Invenção das Tradições*”, RJ: Paz e Terra, 1984. p. 10.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o conceito de “tradições inventadas” nos ajuda a compreender como a ditadura civil-militar se aproveitou das celebrações cívicas como meio de legitimar seu poder.

Ao utilizar o termo “tradições inventadas” a autora Circe Bittencourt demonstra que as recordações cívicas não ocuparam apenas contextos ou disciplinas dos espaços escolares. Para a autora as “festas e comemorações, discursos e juramentos tornaram-se partes integrantes e inerentes da educação escolar.”¹⁰ As escolas, ginásios e colégios deveriam irradiar conhecimento e práticas cívicas, exortar os vultos e datas históricas escolhidos pela própria ditadura civil-militar e na medida do possível exaltar o próprio regime.

No Ginásio Municipal de Serrolândia, em 31 de março de 1971, ocorreu a sessão solene em comemoração ao sétimo aniversário da ‘revolução de 64’. Além de 1971, a comemoração foi realizada em mais duas ocasiões, 1972-73. Durante esses três anos, dois militares ficaram responsáveis pela organização desse evento, os sargentos Aloísio Alves Barbosa e Raimundo Oliveira Almeida. Os primeiros anos da década 1970, ficaram marcados pela euforia do “milagre econômico”, impulsionando a popularidade da ditadura civil-militar. Segundo Janaina Cordeiro, “a *felicidade* estava diretamente relacionada aos novos rumos tomados pelo país desde aquele 31 de março. Mais que isso, relacionava-se, outra vez, à ideia de *construção/transformação* da ordem.”¹¹ Por toda essa popularização o aniversário do golpe civil-militar ganhou destaque no calendário cívico das escolas. Vejamos como ficou o registro na ata de 31 de março de 1971, no primeiro Ginásio Municipal de Serrolândia:

Aos trinta e um (31) dias do mês de março de mil novecentos e setenta e um no ginásio municipal Florivaldo Magalhaes Sousa na sala do 1º série deste estabelecimento, realizou-se em sessão solene, a passagem do 7º aniversário da revolução de 31 de março de 1964; A sessão foi presidida pelo Sr. Diretor, sargento Aloísio Alves Barbosa. A mesma foi iniciada às 16 horas. Em primeiro lugar ouviu-se o hino do expedicionário, entoado pelos alunos da 3º e 4º série ginásial. Em seguida falou a aluna da 3º série Edlurdes Matos Rodrigues e o aluno José Pereira da Silva [...] logo depois os alunos da 3º e 4º série entoaram alguns hinos cívicos [...] sendo ainda distribuídos alguns prêmios aos alunos Valter Marques da Silva, e José Reis Barreto, por terem conquistado os dois primeiros lugares na corrida de resistência promovida pela direção desta casa de ensino na parte da manhã [...].¹²

¹⁰ BITTENCOURT, Circe. As “Tradições nacionais” e o ritual das festas cívicas. In PINSKY, Jaime (Org). *O Ensino de História e a criação do fato*. 14 Ed., 3º reimpressão. São Paulo: Contexto 2017. p. 59.

¹¹ CORDEIRO. Op. cit., 2015. p. 118.

¹² COLÉGIO ESTADUAL DE SERROLÂNDIA (CES). *Livro de Atas N° 1, ata 02*. Ano de Abertura: 1971. Local, Ginásio Municipal, Serrolândia, Bahia, Brasil. Arquivo do CES.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Essa documentação mostra-se recheada de informações sobre a comemoração do 31 de março, em 1971. Seu detalhamento evidencia que a “sessão solene” começou à tarde. Porém, o início dos festejos se deu pela manhã, com a “corrida de resistência”. Nessa ocasião, percebemos que não houve desfiles pelas ruas da cidade, ficando o evento restrito apenas ao espaço interno da instituição ginásial. A celebração foi repleta de exaltação a hinos cívicos e símbolos pátrios.

Segundo Janaina Cordeiro, notaremos que no contexto estudado, o trinta e um de março de 1964 era encarado, pela força propagandística do governo, como um “novo renascer” da sociedade brasileira:

[...] aquela que inaugurou esse novo tempo, que salvou o país da decadência moral e material e que operava um verdadeiro milagre: o 31 de março de 1964 não foi esquecido pela propaganda da festa. E a comemoração da data se fazia também tomando parte da grande euforia otimista que caracterizava o país naqueles anos.¹³

O investimento nas lembranças de datas consideradas importantes busca a legitimação de grupos, políticas e sistemas de governos. Através das práticas cívicas nas escolas e também nos meios sociais a ditadura civil-militar legitimou o dia da ‘revolução’ no calendário festivo.

Voltando ao Ginásio Municipal de Serrolândia, a documentação nos mostra o nome de alguns alunos que participaram da comemoração de 31 de março de 1971. Entre eles encontramos a menção a José Reis Barreto, ao ser questionado, sobre essa celebração, esse personagem minimiza e faz sua narrativa sem mostrar grande relevância nessa comemoração:

Lia-se histórias, as vezes a gente formava grupos pra fazer uma representação, outra... Contava a história, mais ou menos do que... Claro que a gente não tinha aquele entendimento que tem hoje, a gente não se apegava muito... que na época da ditadura tinha muita gente que sofria por isso, por aquilo... por determinadas perseguições. Mas! A gente fazia numa boa, comemorando como se fosse uma data qualquer.¹⁴

Para diversos autores a memória é uma construção do passado feita pelo presente, por isso ela sempre tende a ser renovada. No depoimento do Sr. José Reis Barreto, vemos a atualização da memória, naquele período ao se comemorar o golpe de trinta e um de março os alunos, supostamente, não tinham entendimento das mazelas que a ditadura civil-militar ocasionava com as perseguições políticas e as restrições da liberdade. Devemos lembrar, que estamos falando de uma cidade no interior da Bahia, as informações custavam a chegar, geralmente pelo

¹³ CORDEIRO. Op. cit., 2015. p. 117.

¹⁴ Entrevista concedida pelo Senhor José Reis Barreto da Silva ao pesquisador Marconey de Jesus Oliveira. Local: Serrolândia, Bahia, Brasil. Data: 08 de agosto de 2017.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

rádio e pelos raros televisores existentes no período. Outro fator a ser destacado é que os rádios e as televisões, naquele contexto, não falavam em ditadura ou regime autoritário, sofrendo com a restrição imposta pela censura de suas programações. Contudo, após o período de redemocratização nos anos 1980, uma memória negativa da ditadura foi construída e tornou-se dominante no país por meio de discursos políticos da esquerda, dos liberais, e das produções televisivas, cinematográficas além da publicação de diversas pesquisas acadêmicas analisando o período pós-1964.

Levando em consideração o que Michel Pollak chama de “função do não dito”, possivelmente o Sr. José Reis Barreto tenha silenciado ou feito pouco caso das comemorações do aniversário da ‘revolução de 1964’ justamente por conta dessa memória negativa que se construiu sobre a ditadura civil-militar no Brasil após o período de redemocratização. Vejamos agora como está o registro dessa celebração no ano de 1972:

Aos 31 dias do mês de março de 1972 na sala onde funciona a 3º série ginásial, deu-se início as comemorações do dia da revolução. As 8 horas desfilou pelas principais ruas desta localidade o Ginásio Municipal Florisvaldo Magalhães Sousa. Sendo a concentração na praça principal onde se achava grande massa aplaudindo com entusiasmo o ginásio. A tarde houve competição, corrida de resistência e futebol, disputa entre 3º e 2º série. Sendo disputado três taças e várias medalhas.¹⁵

A ata do trinta e um de março de 1972 é bem suscita, comparada à de 1971, mas nos fornece informações divergentes da documentação anterior. Primeiro, somos avisados que a comemoração começou bem cedo, com o desfile pelas principais ruas da cidade. As informações presentes na documentação mostram que “grande massa” esperava o desfile na praça principal. Não foi possível averiguar se a data em questão era tida como um feriado municipal ou nacional, na obra de Janaina Cordeiro, *A ditadura em tempos de milagres: comemorações, orgulho e consentimento*, ao abortar as comemorações do aniversário da ‘revolução’ não deixa isso claro.

Levando em consideração as informações trazidas pela ata de 1972, a comemoração do trinta e um de março tinha bastante apoio por parte da sociedade serrolandense. Ao ser questionado sobre a realização dessa comemoração, o Sr. Jonas Ferreira Gonçalves, faz a seguinte narrativa.

¹⁵ COLÉGIO ESTADUAL DE SERROLÂNDIA (CES). *Livro de Atas N° 1, ata 09*. Ano de Abertura: 1971. Local, Ginásio Municipal, Serrolândia, Bahia, Brasil. Arquivo do CES

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Tinha, tinha... nesse período a gente...30 [31] de março, que foi extinto, a gente não tinha aula em homenagem a essa data. Isso ficou gravado na memória daqueles que passaram por lá. É o golpe! Feriado! Nós comemorava, mas não participava, é...ficava sem aula, por não ter....pôr a homenagem a esse ato baixado por esse presidente dessa época.¹⁶

As memórias do Sr. Jonas Ferreira nos aparentam confusa, ora afirma que havia a comemoração do 31 de março, porém, nega a participação: “nós comemorava, mas não participava”. Pollak afirma existir “nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”.”¹⁷ Possivelmente, o depoente tenha lembranças sobre as comemorações do aniversário da ‘revolução de 64’, porém prefere silenciar ou pouco aprofundar suas considerações sobre tal celebração. Certamente, no período estudado, o termo “golpe” não seria cunhado pelos discentes, nos parece ser uma percepção atual do entrevistado. Para Pollak:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.¹⁸

Ao referenciar a ideia de “não dito”, conforme levantado por Michel Pollak, afirmamos que o silêncio ou o esquecimento são alternativas para enfrentar, talvez, uma memória traumática e se isentar da identificação com este passado. Seguindo a análise do depoimento, segundo o Sr. Jonas Ferreira, o dia 31 de março era marcado pela falta de aulas no ginásio, não temos informações como essa data era comemorada depois de 1973, mas até esse ano o ginásio adotava uma programação diferente, abraçando as práticas cívicas.

O último registro documental dessa comemoração, no Ginásio Municipal de Serrolândia, foi em 1973. Possivelmente a prática de festejar o aniversário do golpe de 1964 tenha perdurado por mais alguns anos, sendo extinto antes mesmo da redemocratização. Na sua derradeira aparição, a celebração não contou com o entusiasmo de 1971, e muito menos com o desfile de 1972. Foi algo restrito ao ginásio, a ata não faz menções a jogos de futebol ou a corrida de resistência, também não destaca leitura de poesias ou poemas, registrando apenas os ritos patrióticos. Coincidência ou não, em 1973 o diretor do Ginásio Municipal era um civil,

¹⁶ Entrevista concedida pelo Senhor Jonas Ferreira Gonçalves ao pesquisador Marconey de Jesus Oliveira. Local: Serrolândia, Bahia, Brasil. Data: 10 de agosto de 2017.

¹⁷ POLLAK, Op. cit., 1989. p. 8.

¹⁸ POLLAK, Op. cit., 1989. p. 8.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Jonas Ferreira Gonçalves, e não mais um militar. Vejamos como foi registrado, em ata, essa comemoração:

Aos trinta e um dias do mês de março de um mil e novecentos e setenta e três, as oito horas da manhã realizou-se a cerimônia de hasteamento do Pavilhão Nacional pelos alunos deste estabelecimento, sob a direção do professor de Educação Física, Sargento Raimundo Oliveira Almeida, entoaram o Hino Nacional Brasileiro. Ao terminar foi dado ordens para que o ginásio tomasse a última forma.¹⁹

Em 1971-72 as comemorações do trina e um de março foram comandadas pelo Sarg. Aloísio Alves Barbosa, em 1973 aparece o nome de outro militar, Sargento Raimundo Oliveira Almeida. Durante a pesquisa tentamos descobrir mais sobre esses dois personagens, porém, as informações coletadas foram escassas para sustentar uma narrativa. Alguns depoentes descreveram o Sarg. Aloísio Alves Barbosa como um homem rígido, controlador, mas sempre de conduta ilibada. Sobre o Sarg. Raimundo Oliveira Almeida, poucos foram os entrevistados que recordaram de sua passagem pelo ginásio, mas a documentação evidencia seu nome em vários registros.

Voltando a ata de 1973, os ritos patrióticos foram realizados e ao término do evento os alunos retornaram a “última forma”. A documentação não detalha sobre o restante do dia, deixando a entender que a comemoração de 1973, resumiu-se apenas aquele momento pela manhã. Durante a entrevista fiz a mesma pergunta para todos os depoentes, se haviam participado das comemorações em homenagem ao aniversário da ‘revolução de 64’, apenas dois responderam positivamente. A maioria dos depoentes optaram por ficar na “zona do não dito”, assim descrito por Pollak, e silenciaram sobre tal comemoração.²⁰ Entretanto, a resposta do Sr. Paulo Rodrigues de Oliveira nos chamou bastante atenção.

Eu não sei se encontrou meu nome no meio dessa ata, não sei quem assinou essa ata, você se recorda? [...] veja isso aí, por que eu não me lembro que a gente dava muita ênfase a isso não! Eles! Os militares! Queriam isso que as escolas se enquadrassem com ela para puder mudar, forçar! O povo a.... acompanhar a revolução.²¹

Apesar de afirmar categoricamente que desconhecia tal comemoração, o depoente ficou bastante incomodado com a pergunta. Mesmo com o desconforto aparente, o Sr. Paulo

¹⁹ COLÉGIO ESTADUAL DE SERROLÂNDIA (CES). *Livro de Atas N° 1, ata 13*. Ano de Abertura: 1971. Local, Ginásio Municipal, Serrolândia, Bahia, Brasil. Arquivo do CES.

²⁰ POLLAK, Op. cit., 1989.

²¹ Entrevista concedida pelo Senhor Paulo Rodrigues de Oliveira ao pesquisador Marconey de Jesus Oliveira. Local: Serrolândia, Bahia, Brasil. Data: 11 de agosto de 2017.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Rodrigues Oliveira continuou a entrevista dizendo que era “o desejo dos militares” que as escolas e o povo se enquadrassem na ‘revolução’. Para Alessandro Portelli, “Os documentos de história oral são sempre o resultado de um relacionamento, de um projeto compartilhado no qual ambos, o entrevistador e o entrevistado, são envolvidos, mesmo se não harmoniosamente.”²² No caso de Sr. Paulo Rodrigues Oliveira, podemos inferir que a rememoração das celebrações do aniversário da ‘revolução’ consistia em uma memória negativa. O silêncio ou o esquecimento do passado também pode ser encarado como um ato de resistência.

Os documentos do Ginásio Municipal de Serrolândia demonstram que havia uma construção de um discurso embasado na normatização, disciplina e controle dos corpos dos estudantes. Sutilmente, percebemos que a moral cívica, o ufanismo patriótico e as “boas condutas”, pregadas pelo sistema de ensino, deveriam combater o inimigo ideológico oculto do comunismo. Além das práticas cívicas desenvolvidas nas datas comemorativas e nas disciplinas Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política do Brasil.

A Festa do Sesquicentenário da República no Ginásio Municipal de Serrolândia

O termo comemorar parte de um único objetivo, exaltar algo ou alguma data que fique marcado na memória, individual ou coletiva. Segundo Helenice Silva “comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal.”²³ Muito mais que uma “sacralização de valores”, levantado por Helenice Silva, é preciso que exista a construção do consenso ou pelo menos consentimento para a formação de uma memória cívica coletiva.

Ao conceituar consenso e consentimento durante as festividades na ditadura civil-militar, Janaina Cordeiro afirma que, “se o *consenso* pode designar um *acordo* que diz respeito a um conjunto de pessoas, *consentimento* é, antes, *aceitação*, e pode dizer respeito a uma única pessoa. Tal *aceitação* pode também se apresentar em diferentes formas, engendrando *reações* distintas à mesma situação.”²⁴ As práticas cívicas, durante a ditadura civil-militar, talvez não

²² PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, n. 14, São Paulo, 1997, p 96-107.

²³ SILVA. Op. cit., 2002. p. 8.

²⁴ CORDEIRO. Op. cit., 2015. p. 212.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

tivessem o consenso da coletividade, mas contava com o consentimento velado da grande maioria da população.

Dentro das instituições escolares o consentimento sobre as datas comemorativas e os valores patrióticos eram desenvolvidos no seu dia a dia. Segundo Janaina Cordeiro, as práticas cívicas deveriam recuperar:

Uma antiga tradição nacional de participação estudantil nas festas patrióticas, incutir na juventude a necessidade da *participação cívica* a partir de um novo modelo, o qual, naquele momento, primava principalmente pela disciplinarização da participação social e pela pacificação do espaço público.²⁵

Essa recuperação da “participação cívica” dos estudantes não deveria acontecer apenas nas datas comemorativas, mas sim em todo o ano letivo. As disciplinas, EMC, OSPB e Estudos Sociais deveriam trabalhar com a construção do caráter patriótico dos discentes. No Ginásio Municipal de Serrolândia, reuniões eram realizadas com o objetivo de preparar os desfiles e as festividades, tudo deveria ser pensando com antecedência, visando assim, a melhor apresentação possível.

Outro grande evento cívico que marcou o Ginásio Municipal de Serrolândia foi a comemoração do Sesquicentenário da Independência da República. O ano de 1972 mostrou-se bastante agitado na vida do ginásio serrolandense, além das tradicionais celebrações – sete de setembro, quinze de novembro e o trinta e um de março – o 21 de abril foi marcado pela comemoração dos 150 anos de independência do Brasil. Esse evento foi pensado pelos condutores da ditadura civil-militar para se tornar um grande marco na história do país. Além da data, o que estava sendo festejado eram os efeitos do “milagre econômico” que a nação vivenciava. A autora Janaina Cordeiro afirma que:

Desde janeiro de 1972 vivia-se no país sob a expectativa do início das comemorações, mas foi em 21 de abril, dia de Tiradentes, que as festas começaram oficialmente, para somente serem encerradas no dia 7 de setembro. A ideia era iniciar as comemorações com os chamados “Encontros Cívicos Nacionais”, evento que deveria acontecer em todas as cidades do país.²⁶

Mais que rememorar a independência brasileira, o vinte e um de abril deveria ressaltar o “progresso” do presente. A festa do Sesquicentenário não seria trabalhada apenas no 21 de abril

²⁵ CORDEIRO. Op. cit., 2015. p. 135-36.

²⁶ CORDEIRO, Janaina Martins. As comemorações do Sesquicentenários da Independência em 1972: uma festa esquecida? *Anais XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH*. São Paulo, 2011. p. 1.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de 1972, ela começou a partir de sua promulgação pelo general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), em outubro de 1971, e colocada em prática em janeiro do ano seguinte. Assim como exposto por Janaina Cordeiro, essa comemoração deveria acontecer em todas as cidades brasileiras. Para entendermos a importância que essa celebração teve no ginásio municipal e para toda a população serrolandense, vamos analisar a ata em dois momentos. No primeiro iremos expor o início da festividade que contou com sessão solene e desfile:

Aos (21) vinte e um dias do mês de abril do ano de mil novecentos e setenta e dois as (5) cinco horas. Deu-se início as comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil, nesta cidade tendo havido sessão entre alunos do ginásio municipal e o povo, principalmente os pais dos alunos. Enviou-se para a praça onde se achavam armado o palanque oficial, e grande massa aglomerada aplaudia com grande entusiasmo aos oradores e ao Ginásio.²⁷

O início desta celebração começou nas dependências do Ginásio Municipal e se estendeu para as ruas de Serrolândia. Como observamos, anteriormente, era bem comum a realização da sessão solene ou do desfile cívico nas ruas, no vinte e um de abril de 1972, essas duas ações comemorativas foram realizadas juntas. No Sesquicentenário, além dos alunos, pais e professores o ginásio estava aberto ao povo da cidade. Em toda ata, percebemos que a prática comemorativa do dia 21 de abril pulou os muros da escola e tornou-se um festejo para os populares que “aglomerados aplaudia(m)” os desfiles, orações e ações dos alunos.

Era um momento de grande euforia para a população serrolandense e brasileira. Em 1972, foi registrado pela documentação dos três grandes momentos cívicos realizados pelo Ginásio Municipal incluído o Sesquicentenário. Ao fazer uma análise sobre a comemoração que marcou o aniversário dos 150 anos de independência brasileira, a historiadora Janaina Cordeiro afirma que:

As comemorações do Sesquicentenário da Independência talvez seja o momento que melhor sintetiza tanto a euforia gerada pelos *anos de ouro* do Milagre brasileiro, bem como seu *esquecimento*. Ou antes, seu *silenciamento*. Uma festa grandiosa, prevista para ter duração de quase seis meses e que mobilizou o país de norte a sul, apelando ao imaginário cívico-nacionalista brasileiro.²⁸

Não sabemos se em Serrolândia o cronograma de seis meses de festa da independência seguiu o mesmo de outras cidades maiores. Durante as entrevistas os depoentes não fizeram nenhuma

²⁷ COLÉGIO ESTADUAL DE SERROLÂNDIA (CES). *Livro de Atas N° 1, ata 10*. Ano de Abertura: 1971. Local, Ginásio Municipal, Serrolândia, Bahia, Brasil. Arquivo do CES.

²⁸ CORDEIRO. Op. cit., 2011. p. 2.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

menção sobre essa comemoração, possivelmente ela não tenha composto o quadro de memórias do Ginásio Municipal. Mas como Janaina Cordeiro sugere, a celebração do Sesquicentenário era uma festa que celebrava mais o presente do que mesmo o passado. Nesses seis meses de exaltação ao aniversário da independência/regime o sentimento de união deveria prevalecer para toda nação. Na segunda parte da ata veremos como foi registrado esse sentimento de adesão da população de Serrote a comemoração do dia vinte e um de abril:

[...] nesta data [21 de abril] falaram vários personagens, das quais são dignos de serem ressaltados. O Sr. Prefeito Municipal Florivaldo Magalhães Sousa, Sr. Delegado de Polícia Sarg. Raimundo Oliveira, Sra. Delegada Escolar Arionete Guimarães Sousa [...] houve uma brilhante passeata, *o povo se uniu com um só pensamento e ideais*, a fim de melhor dar ênfase à festa. *Durante a festividades foram cantadas pelo povo vários hinos patrióticos*, acompanhado com o conjunto musical desta cidade e a banda marcial do ginásio.²⁹ (Grifos nossos).

As informações contidas na ata são detalhadas. Além de descrever o transcorrer da comemoração a documento nos mostra, ou pelo menos tenta mostrar, o sentimento suscitado aos presentes. Na praça, o evento foi aberto com os discursos das autoridades locais, percebemos que a ata destaca o prefeito Florivaldo Magalhães Sousa e sua esposa, a delegada escolar Arionete Guimarães Sousa. Outro personagem é o sarg. Raimundo Oliveira Almeida, que nessa ata aparece com o delegado de polícia da cidade, porém, na documentação de 1971, que abordava a celebração do aniversário da ‘revolução de 64’, ele aparece como professor de Educação física do ginásio.

“O povo se uniu com um só pensamento e ideias” ao delinear a reação da grande massa presente na praça Manoel Cavalcanti Novais, a Sra. Elisa Almeida – secretária do Ginásio Municipal e responsável por lavrar as atas – evidencia o caráter ufanista que tomou a cidade durante a comemoração do aniversário do Sesquicentenário da Independência. Segundo Helenice Silva, o ato de rememorar abre caminho para as projeções futuras:

Em outras palavras, a comemoração tem por objetivo demonstrar, como já vimos, que o acontecimento “rememorado”, por seu valor simbólico, pode se reportar ao devir. As comemorações buscam, pois, nessa reapropriação do acontecimento passado, um novo regime de historicidade, projetando-o em direção do futuro.³⁰

²⁹ COLÉGIO ESTADUAL DE SERROLÂNDIA (CES). *Livro de Atas N° 1, ata 10*. Ano de Abertura: 1971. Local, Ginásio Municipal, Serrolândia, Bahia, Brasil. Arquivo do CES.

³⁰ SILVA. Op. cit., 2002. p. 12.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

Sem dúvidas, os primeiros anos da década de 1970 foram marcados pela celebração de grandes eventos, a ditadura mostrou-se mais firme. A oposição teve uma diminuição significativa, fruto do enrijecimento repressivo do próprio regime. Ademais, os números na economia aparentemente eram apresentados como mais animadores, mesmo sofrendo com a problemática da inflação. Comemorar os júbilos do passado seria uma ótima oportunidade para lembrar da “salvação do presente”.

Para Janaina Cordeiro, a participação popular foi o grande objetivo dos militares. Segundo a autora, “a participação na festa deveria acontecer porque se tratava de *marco extraordinário* da nossa história, mas sobretudo porque era uma celebração da *união nacional* em torno do *Brasil grande*.”³¹ Na comemoração do sesquicentenário a “união” assume o posto de palavra-chave da ditadura, no desfile do Ginásio Municipal de Serrolândia esse espírito de unidade também ganha destaque

Com sessão solene no ginásio, desfile pelas ruas, discursos das autoridades locais, passeata brilhante organizada pelo povo serrolandense e união de ideais em torno do Sesquicentenário e da ditadura civil-militar, faltava mais alguma coisa para o fechamento dos festejos? Faltava sim! Os cânticos patrióticos dos hinos cívicos, que foram entoados animadamente pela população e seguidos pelo conjunto de música da cidade e pela banda marcial do Ginásio Municipal. Depois dessa programação a festa do vinte e um de abril chegou a seu final. “Uma das características que garantiram o sucesso da festa foi justamente sua capacidade de mobilizar e tocar a vida cotidiana das pessoas.”³² O governo Médici, investiu intensamente em propaganda para que o sesquicentenário da república se tornasse uma festa popular, tudo indica que essa publicidade, requerida pela ditadura civil-militar, chegou as casas e a única instituição ginásial da cidade de Serrolândia.

Considerações Finais

Nesse artigo buscamos analisar como se deram as comemorações do aniversário da ‘revolução’ de março de 1964 e passagem do Sesquicentenário da Independência da República realizadas pelo Ginásio Municipal de Serrolândia nos primeiros anos da década de 1970. Para escrever sobre tais celebrações, utilizamos como fontes as atas produzidas pelo próprio

³¹ CORDEIRO. Op. cit., 2015. p. 120.

³² CORDEIRO. Op. cit., 2011. p. 3.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

educandário pois essa documentação oferece-nos uma visão de como foram organizados esses atos cívicos, os personagens envolvidos e como eram celebrados esses eventos, além de representar o “discurso oficial” da instituição.

Nessa breve análise, as fontes orais também foram requisitadas e através delas foi possível compreender como os agentes – ex-alunos, professores e diretores – presentes no ginásio, no período estudado, compreenderam e empreenderam essas comemorações. Encontramos uma certa dificuldade quando relacionamos ditadura civil-militar e memória. Mesmo em cidades pequenas do interior, que a repressão do regime foi teoricamente menor, há uma relutância sobre os compartilhamentos dessas lembranças. Das três entrevistas destacadas para a consecução desse trabalho, apenas duas lembram-se ou quiseram lembrar das celebrações sobre o aniversário do golpe civil-militar de 1964, e nenhuma delas fizeram menção ao Sesquicentenário da Independência.

Ao falar dessas comemorações, instituídas pela ditadura civil-militar, utilizamos o termo “tradições inventadas” cunhado pelo Eric Hobsbawm e Terence Ranger, para esses autores tal termo entende-se pelo ato de “inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição.”³³ Com a instituição dessas datas comemorativas a ditadura buscava, não apenas celebrar o passado, mas principalmente, glorificar o presente do “regime revolucionário” que salvou o país das garras dos comunistas perversos.

Ao analisar as documentações do Ginásio Municipal de Serrolândia percebemos um aumento significativo das práticas cívicas a partir da década de 1970. Houve um investimento propagandístico, por parte do governo militar do general Médici, na ideia de um país em pleno crescimento proporcionado pelo “milagre econômico”. E para comemorar os efeitos gloriosos da ‘revolução’ as instituições escolares deveriam irradiar valores morais e patrióticos, devendo lembrar dos vultos do passado e celebrar as “conquistas” do presente. Assim como outros setores da sociedade, os espaços escolares foram considerados de extrema importância para a legitimação da ditadura.

Por fim, esse artigo buscou mostrar como as comemorações ultrapassavam os limites do ginásio e adentravam a sociedade serrolandense. É bastante propício analisarmos como uma instituição de ensino no interior da Bahia, dentro da sua singularidade, aderiu aos apelos e deveres nacionais, cântico do hino pátrio, hasteamento da bandeira e outros preceitos

³³ HOBSBAWM e RANGER. Op. cit., 1984. p. 10.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

patrióticos. Os alunos do Ginásio Municipal preparavam-se durante vários dias para fazerem desfiles nas principais ruas e povoados do município, a população também se preparava para assistir, com bastante entusiasmo, as apresentações. É muito comum encontrar nas atas, assim como analisado mais acima, na documentação sobre o Sesquicentenário da República, o registro de que o público lotou as praças e ruas para assistir a passagem dos desfiles.

Fontes

Documentos escritos

COLÉGIO ESTADUAL DE SERROLÂNDIA (CES). *Livro de Atas N° 1*. Ano de Abertura: 1971. Local, Ginásio Municipal, Serrolândia, Bahia, Brasil. Arquivo do CES.

Entrevistas

GONÇALVES, Jonas Ferreira. *Entrevista*, Serrolândia, 10 de agosto de 2017.

OLIVEIRA, Paulo Rodrigues. *Entrevista*, Serrolândia, 11 de agosto de 2017

SILVA, José Reis Barreto da. *Entrevista*, Serrolândia, 08 de agosto de 2017

Iconografia

Fotografia do espaço físico do Ginásio Municipal de Serrolândia nos primeiros anos da década de 1970.

Referências

BITTENCOURT, Circe. As “Tradições nacionais” e o ritual das festas cívicas. In PINSKY, Jaime (Org). *O Ensino de História e a criação do fato*. 14 Ed., 3º reimpressão. São Paulo: Contexto 2017.

CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

_____. As comemorações do Sesquicentenários da Independência em 1972: uma festa esquecida? *Anais XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH*. São Paulo, 2011.

HOBSBAWM, Eric J. e RANGER, Terence. *“A Invenção das Tradições”*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. *Revista Tempo*, vol. 1, n. 2, Rio de Janeiro, 1996, p. 73-98.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, n. 14, São Paulo, 1997, p 96-107.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/ Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol.22, n. 44, São Paulo, 2002, p. 425-438.